

A literatura de cordel: um fator de disseminação da preservação ambiental no município de Mossoró/RN

Sueldo Leite da Silva¹
Fernando Moreira da Silva²
Ana Mônica de Britto Costa³

Resumo

A preocupação com as questões ambientais, que é a tônica do mundo atual devido aos graves problemas que o homem vem causando a natureza. O momento atual é de tomarmos consciência na dinâmica e mudança na paisagem natural. Assim, o objetivo da pesquisa é identificar na literatura de cordel temas ligados à preservação ambiental do bioma Caatinga. Como procedimento metodológico fez-se uso de pesquisa bibliográfica e exploratória, sendo pautada na leitura de diversos autores e sua contextualização. Os resultados mostraram que, nos relatos colhidos dos folhetos de cordéis, percebe-se que nas narrativas dos poetas encontram-se uma preocupação com o homem do campo, o sertanejo, e a sua qualidade de vida, estando associadas aos elementos ambientais, tais como o solo, a vegetação, a hidrografia, o clima e a fauna.

Palavras-Chave: Meio Ambiente; Preservação; Cordel

Abstract

The concern with environmental issues, which is the keynote of the world today because of the serious problems that man has caused to nature. The time now is becoming aware of the dynamics and change in the natural landscape. The objective of this research is to identify the string literature topics related to environmental preservation of the Caatinga biome. As a methodological procedure was made using literature search and exploratory, being based on the reading of many authors and its context. The results showed that, in the stories collected the leaflets of twine, it is clear that the narratives of poets are a concern for the farmer, the backwoodsman, and their quality of life, being associated with environmental elements, such as soil, vegetation, hydrography, climate and fauna.

Keywords: Environment; Preservation; Cordel.

Introdução

A questão ambiental vem despertando a mente das pessoas sejam artistas, intelectuais, políticos, empresários, professores, estudantes e poetas populares. A

1 Graduado em História pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Professor da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima – Mossoró/RN. Contato: sueldoleite@yahoo.com.br

2 Pós-doutor em Bioclimatologia da Caatinga. Professor do Departamento de Geografia da UFRN. Contato: fmoreyra@ufrnet.br

3 Mestre em Geociências. Professora do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Norte. Contato: ana.costa@ifrn.br

preocupação com a preservação do meio ambiente chegou à literatura de cordel através da rima e da poesia dos cordelistas e poetas surgidos do seio do povo. Muitos livretos de literatura de cordel vêm buscando alertar as pessoas para o risco que corremos em não preservarmos a natureza e o meio onde vivemos.

Vamos identificar aqui à utilização da literatura de cordel nas ações de combate a degradação ambiental, o cordel “A morte de Chico Mendes deixou triste a natureza”, do poeta Manoel Santa Maria (1988), fala acerca do assassinato do ecologista e do trabalho por ele realizado em favor da Amazônia. O cordel atende as questões de alcance nacional como a degradação da floresta e dos seus mananciais, como também questões de foro local, elevando a conscientização da população com relação à necessidade da preservação do meio ambiente onde vivemos.

Neste contexto, a pesquisa tem como objetivo identificar na literatura de cordel a produção literária, identificando temas ligados à preservação ambiental, principalmente com relação as suas rimas que se dedicam a contar a história do povo nordestino e suas relações com o meio ambiente, no caso específico o bioma caatinga.

A atuação dos cordelistas nesse contexto é bastante expressiva, com seus folhetos trazendo temas que se preocupam com a vida e o bem estar do povo. O cordel é de vital importância para estimular as crianças, jovens e adultos a dar-se conta que podem contribuir para a melhoria do meio ambiente, é estratégias para promover uma discussão, provocar o debate dos problemas conflitantes, são formas, que auxiliam os defensores do meio ambiente.

O cordel também é utilizado pelas agências de publicidade em suas peças publicitárias com a finalidade de difundir, divulgar bens, produtos e marcas, como descreve o escritor Carvalho (2002), em seu livro “Publicidade em Cordel: O mote do consumo”, no capítulo intitulado: A inserção do discurso ecológico relata como o cordel pode contribuir na propagação da ideia de preservação da flora e fauna. Muitos falam sobre o perigo do aumento na camada de ozônio, mas poucos têm demonstrado real interesse na problemática como os poetas populares em suas rimas e versos, são verdadeiros pedidos de socorro em nome de uma situação de calamidade planetária.

O meio ambiente está em constante mudança devido a causas naturais, e pouco ou nenhum controle exercemos sobre essas transformações que degradam nossas reservas naturais de oxigênio, caso das erupções vulcânicas, terremotos, furacões, inundações, queimas em florestas, tudo isso afeta o meio ambiente, temos ainda as mudanças no meio ambiente causada pela ação do homem.

Essas mudanças se apresentavam de forma contundente no passado, mas a partir dos séc. XIX e em especial no XX, ganha importância devido ao aumento populacional e conseqüentemente o aumento no consumo de produtos industrializados fizeram surgir alguns outros tipos de problemas.

São as emissões de gases pelos escapamentos dos automóveis, das chaminés das fábricas, dos vazamentos de gases tóxicos pelas usinas nucleares, derramamento de óleo nos oceanos pelos grandes transatlânticos, entrada de gases na atmosfera provenientes dos aparelhos domésticos e dos frascos de *spray* para higiene pessoal.

A literatura de cordel propicia a construção de conhecimentos que podem ser aplicados no dia a dia das pessoas. Pode ainda problematizar questões sociais referentes à vida social nordestina. Significa que colabora para que situações que se passam no mundo possam ser vivenciadas pelos leitores deste gênero, e que possam fazer através da leitura do cordel a prática e a busca, a aquisição de conhecimentos acerca do mundo e das coisas que nos cercam.

A poesia popular vem buscando descortinar horizontes novos. Vários poetas do povo vivem suas rimas muito além dos temas mais presentes na vida do sertanejo, enfatiza também outras questões relativas aos aspectos do social, cultural e político e atualmente questões relevantes pertinentes ao tema ambiental.

Em referência à presença do cordel nas questões concernentes ao meio ambiente, Antonio Francisco (2008) escreveu o poema “Os animais têm razão”, onde ele faz uma leitura do meio ambiente de forma invejável, relata os tipos de vegetação da paisagem natural e descreve com sua poesia inconfundível todo o panorama criando pela natureza em relação às adversidades do clima e do solo.

Fantástica a forma como ele se refere aos animais da fauna nordestina e a beleza que eles nos brindam com suas plumagens e cores das mais variadas. E nos devaneios do poeta podemos participar de uma assembleia onde os animais discorrem acerca de como nós homens estamos os tratando, segundo as rimas do autor, todas as mazelas sociais e morais que somos portadores transferimos aos mesmos.

Antonio Francisco com seu lápis traça um perfil de cada animal que ali se faz presente e suas angústias em relação ao comportamento do homem diante das questões ligadas ao meio ambiente, nos versos de número 10 e 11, segundo o autor, temos o relato de um porco acerca de como o homem tem tratado a natureza e seus componentes. Diz o suíno:

10/ O porco dizia assim: – “Pelas barbas do capeta! / Se nós ficarmos parados/ A coisa vai ficar preta.../ Do jeito que o homem vai,/ Vai acabar o planeta. 11/ Já sujaram os sete mares/ Do Atlântico ao mar Egeu,/ As florestas estão capengas,/ Os rios da cor de breu/ E ainda por cima dizem/ Que o sebo sou eu.

Segundo Barja (2010), a proposta da utilização do cordel em ações ligadas a problemática ambiental, não visa tão-somente suas duas formas de trabalho, ou seja, a produção e divulgação dos folhetos que versam acerca de temas específicos, os cordelistas tratam de problemas ambientais quando se referem à seca, que provoca tantas agruras ao nordestino, traduzem também as calamidades provocadas pelas cheias e as consequências provocadas por estas catástrofes aos animais, plantas e ao homem, destruindo suas fontes de alimentação e arruinando sua qualidade de vida. Esses cordelistas delineiam as condições ambientais que se observa após longos períodos de estiagem ou mesmo quando os rios transbordam provocando erosão no solo e devastação das matas.

Procedimentos metodológicos

Alguns pontos básicos nortearam nossa pesquisa, viabilizando de forma coerente uma resposta as indagações que deram origem a este trabalho, buscam-se desenvolvê-lo através de pesquisa bibliográfica e exploratória que foi pautada na leitura de diversos autores e, fizemos uma ponte entre o que defendemos em relação às questões ambientais, o que dizem os pesquisadores da área e qual a colaboração da literatura de cordel com seus versos e rimas.

Na pesquisa exploratória buscamos encontrar um elo que ligasse nosso objetivo ao trabalho dos cordelistas na defesa do meio ambiente. Para este trabalho foram pesquisadas cerca de 30 obras, que versam sobre o cordel e a sua ligação com os temas ambientais, os mesmos foram objeto de pesquisa devido o alto teor de informações neles contidos que nos levaram a adotá-los como bibliografia para a conclusão de nossa tarefa. Os instrumentos de nossa pesquisa foram à observação e a análise que possibilitaram chegarmos às conclusões que apresentamos no decorrer do artigo.

Referencial teórico

Desde o início da colonização convivemos com o problema ambiental no Brasil, que teve início a partir da exploração comercial do solo brasileiro, desde então o homem

vem desrespeitando a natureza e seus componentes. Começou a alterar a natureza de forma a assegurar a própria sobrevivência e lhe proporcionar conforto. Utilizando-se da agricultura, da pecuária e a construção de cidades etc. modificaram diretamente o meio natural, transformando todas as nossas características geográficas como, a vegetação que foi utilizada como pastos para os animais, modificando a face da superfície terrestre, explorando a terra com suas culturas e modos artesanais de cultivo, alterando as características do solo, do ar, das bacias hidrográficas, assim como, da fauna e flora. Nesse sentido, Machado (2007) escreveu:

Durante esse processo de ocupação e dinamização comercial, não foi apenas de Pau-Brasil a árvore ser sacrificada, mas todas aquelas que estivessem dificultando a retirada e / ou acesso a essas. Sendo o meio ambiente um sistema integrado, não é possível modificar apenas um único elemento – a flora - sem atingir os demais componentes formadores desse conjunto, ou seja, a fauna, o clima, o solo os habitantes povoadores desse território antes da chegada dos Europeus, que também foram afetados perdendo o seu equilíbrio.

Na literatura de cordel as narrativas que se dedicam a contar as coisas do homem estão sempre recheadas de momentos em que a preocupação com o meio ambiente e a conscientização das pessoas acerca dos problemas ligados a degradação ambiental são tratados de maneira específica. Segundo Silva (2010),

Ao possibilitar à sociedade adquirir uma compreensão do meio ambiente em sua totalidade, as ações educativas comprometidas com as questões ambientais devem procurar incluir os aspectos naturais e humanos no mesmo contexto, no mesmo grau de interdependência, pois reconhecem que os meios natural, socioeconômico e cultural integram-se mutuamente.

Nesse contexto, o poeta popular deflagra seus versos contemplando esses aspectos quando relata nas suas rimas o cotidiano das coisas e das pessoas que interagem na paisagem natural nordestina. Nos cordéis há uma presença muito forte das catástrofes naturais relacionadas ao clima, solo, água, vegetação como também da qualidade de vida do sertanejo, que vive as consequências das várias situações pela qual passa, em seus mais variados aspectos no sertão nordestino.

Nessa ótica, o poeta se mostra como um educador ambiental, visto que a preocupação com o meio ambiente está se tornando cada vez mais urgente e necessária para toda a humanidade, onde o futuro depende da relação entre a natureza e o homem isso demonstra a necessidade de as pessoas que atuam na sociedade envolvam-se nesta

questão ressaltando os valores entre os quais: ética, cidadania, pluralidade cultural, racionalização do consumo, urbanização, saneamento básico, sustentabilidade, diversidade biológica, ocupação do solo e muitas outras áreas são importantíssimas para a realização de um bom trabalho. Nesse contexto, o cordel aparece como um recurso para trabalhar esses valores. Para Borges (1979),

O cordel é uma explicação do mundo e das coisas que nos rodeiam narrando as histórias da vida nordestina e das relações do homem com a paisagem natural. Vale lembrar que nessa riquíssima literatura, de universo multifacetado, há uma grande variedade temática que reflete bem a extraordinária vivência dos nossos vates populares, desde o seu "engagement" com os problemas mais atuais, contemporâneos a cada poeta, até a conservação e transmissão de narrativas inspiradas no imaginário tradicional...

Nos relatos colhidos dos folhetos de cordéis, percebemos que nas narrativas dos poetas populares encontra-se uma preocupação com o homem do campo, o sertanejo, e a sua qualidade de vida que está associada aos elementos ambientais (solo, vegetação, hidrografia, clima e a fauna). Nos seus versos, os poetas relembram a trajetória dos nordestinos e sua eterna busca por dias melhores, e sempre o êxodo rural está associado às calamidades causadas pelas condições climáticas do sertão, ou são momentos de extrema escassez de chuvas, ou em outros momentos pelos excessos de chuvas que recaem sobre o solo causando as inundações e provocando transformações naturais ao bioma caatinga. E é a caatinga, vegetação típica do solo nordestino, a musa inspiradora, juntamente com a seca, das rimas dos poetas que colocam no papel sua visão do mundo que o cerca.

Nada mais tipicamente relacionados à preocupação com a preservação ambiental que os versos do cordel que reproduz em cores fortes as lutas dos sertanejos e suas relações com o meio ambiente. Assim se expressou o poeta Patativa do Assaré (1978), ninguém soube tão bem cantar em verso e prosa os contrastes do sertão nordestino e a beleza de sua natureza, na poesia que Luiz Gonzaga (1980) imortalizou através de sua sanfona e voz, A triste Partida (grifos nosso):

...Sem chuva na terra/Descamba Janeiro,Depois fevereiro/E o mesmo verão. Meu Deus, meu Deus/Entonce o nortista Pensando consigo/Diz: "isso é castigo não chove mais não"/Ai, ai, ai Apela pra Março/Que é o mês preferido Do santo querido/Sinhô São José Meu Deus, meu Deus/Mas nada de chuva Tá tudo sem jeito/Lhe foge do peito O resto da fé/Ai, ai, ai, ai Agora pensando/Ele segue outra tria Chamando a fãmia/Começa a dizer Meu Deus, meu Deus/Eu vendo meu burro Meu jegue e o cavalo/Nóis vamo a São Paulo Viver ou

morrer/Ai, ai, ai, ai Nós vamo a São Paulo/Que a coisa tá feia
 Por terras alheia/Nós vamos vagar Meu Deus, meu Deus/Se o
 nosso destino Não for tão mesquinho/Ai pro mesmo cantinho
 Nós torna a voltar/Ai, ai, ai, ai E vende seu burro/Jumento e o
 cavalo Inté mesmo o galo/Venderam também Meu Deus, meu
 Deus/Pois logo aparece Feliz fazendeiro/Por pouco dinheiro
 Lhe compra o que tem/Ai, ai, ai, ai Em um caminhão/Ele joga a
 fãmia Chegou o triste dia/Já vai viajar Meu Deus, meu Deus/A
 seca terrívi Que tudo devora/Ai,lhe bota pra fora Da terra
 natal/Ai, ai, ai, ai O carro já corre/No topo da serra Oiando pra
 terra/Seu berço, seu lar Meu Deus, meu Deus/...

Nesse “épico” da literatura de cordel, é possível encontrar elementos da paisagem natural e que nesse caso é essencial a vida do sertanejo, percebe-se assim que, tanto a fauna, como a flora é de fundamental importância para a sobrevivência do nordestino que vive e retira do solo seu sustento, se, no caso das rimas aqui apresentadas, não há a precipitação atmosférica, ou seja, o clima através de seus fenômenos naturais não possibilita a estação chuvosa, o homem do campo, retratado no poema de Patativa do Assaré (1978), procura outra paisagem natural propicia para sua sobrevivência, ou seja, procura melhorar sua qualidade de vida, que devido à estiagem está ameaçada pela falta de condições adequadas para sua existência.

Desta forma, podemos entendermos a literatura como uma poesia não isolada desse contexto. Mas, ao contrário, ela faz parte da sociedade enquanto produto de seus conhecimentos, e dessa forma não pode nem deve ser analisada fora dos parâmetros ambientais. Assim, percebemos que a literatura de cordel está enraizada na realidade e, conseqüentemente, nas preocupações com o meio ambiente.

Na literatura de cordel, o Nordeste está presente em seus versos, na medida em que o poeta cordelista trabalha com base em diversas temáticas e problemáticas da região, nesse caso também a preocupação com a questão do meio ambiente faz parte da sua temática. Outros autores também se dedicaram ao tema meio ambiente em suas rimas ressaltando a importância para a humanidade da preservação ambiental e a recuperação das áreas degradadas, a recuperação ambiental de bacias hidrográficas, incentivando as ações de reflorestamentos.

Todas essas ações contribuíram para a melhoria dos ciclos vitais e energéticos contidos nos ecossistemas, das ações de controle e manutenção da cobertura vegetal nas áreas de caatinga que quase sempre o alvo preferencial de seus versos. A flora também é retratada nos cordéis exaltando sua grandiosidade e importância para a vida do homem, o poeta Mário de Almeida (2010), assim escreveu sobre o mandacaru:

Mandacaru é um cacto!/Aquele que tem três quinas, Tem os espinhos compridos,/Com todas as pontas bem finas, Se você quer encontrar,/Basta você ir passear, Nas caatingas nordestinas/ O poeta se delicia, Quando alguém lhe der um tema,/Seja pra falar do mororó, De angico ou da jurema,/Mas aqui eu falo do cacto, Que um radialista pacato,/Viajou neste dilema. Não sei por que cargas d'águas,/Pedi pra eu trabalhar, Pra falar do mandacaru,/Sem precisar pesquisar, Tem uma fruta vermelha,/Que quem gosta é a abelha, Com o néctar se deliciar./ Esta planta ela resiste, Muito tempo sem chover,/Passa seca muitas secas, E pode sobreviver,/É verde igual à palmeira, Sua história é verdadeira,/E nunca que vai morrer.

A descrição feita pelo autor relata a importância do vegetal para o ecossistema nordestino faz um raio-X desta planta que compõe a flora do bioma caatinga e sua relevante contribuição para a preservação da espécie, mesmo tendo período chuvoso ou não, ele resiste bravamente. O mandacaru (*Cereus jamacaru*) é da família das cactáceas, comum no Nordeste, e não raro, atinge até mais de 5 metros de altura. Existe uma variedade sem espinhos, usada na alimentação de animais.

A variedade comum é altamente espinhenta seus espinhos são queimados ou cortados. O mandacaru resiste aos períodos de seca, mesmo das mais fortes. As flores desta espécie de cactos são brancas, muito bonitas e medem aproximadamente 30cm de comprimento. Seu fruto tem uma cor violeta forte. A polpa é branca com sementes pretas minúsculas, e é muito saborosa.

Podemos citar outros autores que publicaram obra sobre a temática aqui estudada como: Toinho de Zezé (2009), José Augusto (2009), Luiz Candido Neto (2008), Medeiros Braga (2008), Victor Alvim F. Garcia (2007), Marlus de Herval (2007), Francisco Firmino de Paula (2007), Gonçalo Ferreira da Silva (2008) Fernando Paixão (2007).

Revisão bibliográfica

Na poesia “Um bairro Chamado Lagoa do Mato”, de Antonio Francisco (2000), podemos viajar na imaginação e recriar imagens compondo nesta poesia a diferença de vida entre o urbano e o rural, entre a cidade e a natureza preservada. Antonio Francisco que tem produzido muitas rimas sobre a preservação do meio ambiente e as transformações causadas pelo homem na paisagem natural, nesse cordel retrata o bairro onde nasceu e como a ação do progresso modificou a paisagem e degradou o meio.

“Socorro para o Rio Mossoró” (ZEZÉ, 2009), é um grande relato acerca do Rio Mossoró/Apodi, o autor descreve todas as potencialidades do nosso rio, sua importância para as populações ribeirinhas não apenas de Mossoró, mas, como também das cidades por onde passam suas águas. Nesse livreto, o poeta faz uma viagem pelas margens do rio descrevendo a geografia que circunda suas entranhas, fala acerca do povo ribeirinho que dele tira seu sustento, como o aproveitamento das suas águas é feita pelos agricultores e pessoas que vivem de sua pujança.

O espaço natural era muito bem aproveitado e as suas margens favoreciam um ambiente seguro, onde o verde esbaldava, numa verdadeira harmonia. Nesse aspecto, o rio propiciava um ar mais puro, haja vista não existir sinais de poluição de qualquer natureza, pois de seu leito o homem tirava o sustento para a família, seja da pesca, ou mesmo da exploração de uma variedade enorme de hortaliças que eram cultivadas ao logo de seu leito. A preocupação do poeta é que tudo isso possa deixar de existir em razão da falta de respeito do homem com o rio e afluentes, pois hoje em dia o nosso Rio Mossoró/Apodi, não oferece mais quase nada que oferecia em tempos muito remotos.

Nas reminiscências do cantador popular, o rio era manancial de muitos benefícios que levava além de suas águas, à vida, não somente as pessoas, mas, também a toda flora e fauna local, isso propiciava um equilíbrio entre os elementos do meio ambiente: a hidrografia (rio), o relevo (margens), a vegetação (plantas).

No final de seus versos, o cordelista lamenta que o rio não seja hoje mais nem a sombra que fora em épocas passadas. E faz um painel triste da realidade atual do rio. Apresenta um quadro do momento presente, as águas poluídas pelas galerias de esgotos e águas servidas, um mar de fedentina, suas margens espumosas e parte do leito assoreado. Um quadro aterrador com o desaparecimento não apenas dos peixes, mas, sobre tudo da flora e da fauna ali existente. Em um clamor para que as autoridades competentes possam acordar a tempo de salvar o que restou de um rio que já foi um meio de sobrevivência para as populações que viviam dele, no final do folheto assim se expressas o autor: “Peço humildemente/que enfrente o desafio. Usando de boa vontade/em seu trabalho confio O povo pede e implora/para salvar nosso rio.”

Em “Uma carta ecológica” (SILVA, 2009), o cordelista narra à chegada de uns doutores da cidade grande que trouxeram para a comunidade de Sertão Novo, a ideia da preservação ambiental e da necessidade do homem em sua aplicação. Na sua narrativa, o poeta discorre acerca das temáticas ecológicas, falou sobre a fecundação da terra e sua capacidade de produção vegetal. Com o auxílio das ciências, esses doutores

conscientizaram a população acerca de como cuidar melhor dos riachos, dos açudes, de como evitar a contaminação dos lençóis freáticos pela má condução dos esgotos.

O poema relata a questão das queimadas, dos desmatamentos e de maneira essas práticas prejudicam a produção agrícola do povoado. Na fala do cordelista há uma preocupação com o uso inadequado de inseticidas que são utilizados para fazer a proteção contra as pragas e que acabam por contaminar as plantas e as águas, com o apoio do conhecimento trazido pelos doutores, os camponeses mudaram suas posturas diante dessa problemática, passando a utilizar mecanismos naturais. Nesse quesito, foi utilizado misturas de cascas de árvores da região, que são inseticidas naturais.

A busca por uma cultura sustentável também foi destaque nesse cordel, aqui o poeta popular ensaia uma nova proposta de sustentabilidade, que seria de muita utilidade para os períodos de estiagem, a reciclagem de papelão, plásticos, vidros e metais, ainda no reaproveitamento das águas que foram usadas na lavagem de roupas e pratos para lavar pisos e irrigar as plantas.

O poeta José Augusto (2009), convida-nos a abraçar a causa da preservação ambiental, não somente com atitudes ecológicas de proteção a fauna e a flora, mais como também a economia de energia elétrica com pequenos gestos, mais que fazem muita diferença para o contexto geral, como por exemplo: controlar o abrimento da geladeira, as luzes acesas sem necessidade, a torneira ligada por muito tempo na hora da escovação dos dentes e banho, simples gesto de jogar uma embalagem de chicletes no chão, e finaliza dizendo que quem não preserva a natureza, ou lhe causa algum prejuízo, está brincando com a vida.

Na obra de cordel “A carnaúba já foi orgulho da região” (NETO, 2008), A Carnaúba (*Copernícia prunífera*) uma planta típica do nordeste brasileiro, predominando nos Estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Aqui nessa obra poética foi reverenciada pela sua importância na economia nordestina lá pelos idos dos anos 1960 e 1970, era explorada como atividade econômica, também como material de construção para as moradias das populações mais carentes da região Nordeste. Na economia era explorada suas propriedades naturais, como a palha de onde se retirava a cera, um produto que propiciava o sustento do homem do campo, quando em tempos de grandes estiagem.

Seu uso industrial atinge diversas áreas devido às características da cera, a qual após ser refinada, e conforme as variadas classificações são utilizadas na fabricação de produtos farmacêuticos, cosméticos, filmes plásticos e fotográficos. Sendo ainda parte na

composição de revestimentos, impermeabilizantes, lubrificantes, vernizes, na confecção de componentes eletroeletrônicos como: *chips*, *tonners*, códigos de barras e na indústria alimentícia.

O poeta faz uma narrativa acerca da carnaúba para dar-nos uma ideia de como esse vegetal foi um marco áureo para a economia do Nordeste. O cordelista mostra-nos em forma poética a grande variedade de formas como a carnaúba era utilizada pelos agricultores em suas moradias. No folheto em epigrafe, podemos perceber que a carnaúba era verdadeiro meio de sobrevivência para o nordestino, que via nesse tipo de economia uma forma de fugir da miséria imposta pelas péssimas condições de vida provocada pelas secas.

Um desafio, um problema é assim que começa o folheto “O cordel ecológico” (2008), uma verdadeira obra dedicada à preservação do meio ambiente em todas as suas nuances. Na narrativa o menestrel cordelista faz uma explanação acerca do tema ecologia, quando busca desenvolver seus versos relembando o grande Euclides da Cunha numa frase célebre “*o homem por natureza é um fazedor de desertos*”, na afirmação o autor toma como base os atos predatórios do homem contra o ecossistema, desde os descobridores com as derrubadas das matas para o povoamento, indiferentes aos apelos da própria natureza.

Discorre ainda o poeta rememorando as transformações causadas pelo homem ao meio natural ao tempo das invasões ocorridas no período histórico protagonizado pelos franceses, holandeses e espanhóis em solo brasileiro são bem nítidos, o desastre ecológico causado pelos desbravadores bandeirantes, essas informações colocadas pelo poeta de forma que nos vem alertar para observarmos a extensão do problema que não é de hoje.

Mas, não é somente essa a preocupação do poeta em relação à questão ambiental, n’O cordel ecológico, há ainda uma grande preocupação em relação aos combustíveis fósseis, o gás, petróleo e o carvão que são extraídos das profundezas do nosso chão e que futuramente provocará abalos sísmicos de acomodações das camadas inferiores da Terra, isso sem falar na poluição ambiental que é causada por esses combustíveis.

Há ainda o temor na produção de produtos destinados à proteção contra as pragas que afetam as lavouras. Outra preocupação do poeta e que vem nos chamar a atenção é a grande quantidade de automóveis exalando gases no meio ambiente provocando a reação do efeito estufa, fenômeno que provoca o aquecimento global e o

derretimento das geleiras. E nesse item, o poeta popular faz uma verdadeira chamada geral, relata os efeitos dos gases liberados pelos poluentes na vida humana, os cânceres, os problemas de pele, enfermidades respiratórias.

Afirma com toda a convicção de que se o homem persistir nessa agressão vai tornar nosso planeta num verdadeiro abatedouro de seres humanos. E para finalizar nos conclama para que possamos prestar mais atenção ao “*Protocolo de Kyoto*”, que já previa a necessidade da redução da emissão desses gases na atmosfera, baixando assim os níveis de poluição e afirma que essa proposta de mudança de atitudes, não deve ficar apenas no papel, que se cada um fizer a sua parte, com certeza seremos defensores e amigos da natureza.

“Era uma vez um planeta” (GARCIA, 2007), nas asas da imaginação, navegando em seus devaneios poéticos, o autor faz um passeio pelas escrituras sagradas e fala acerca da criação de mundo por Deus, desde a criação da Terra até as constelações em nossa via láctea. Na sua imaginação de poeta, ele nos descreve um balé feito pela Terra e pelo Sol no firmamento, e aqui vai montando o quebra-cabeça com os elementos gerais, as águas, as florestas, os oceanos, pássaros, o vento.

Nesse deslumbramento lírico, aparece a figura humana, o homem, como o algoz da natureza, ele que tinha tudo para viver muito bem, dar início a devastação, a poluição, desmatamento, empestando o ar com agentes tóxicos, as águas com esgotos, e causando uma verdadeira catástrofe, são enchentes, secas, tsunamis, impactos ambientais, desequilíbrio ecológico, aquecimento global. São seis páginas onde o menestrel tupiniquim faz uma alusão a Criação Divina e o que o homem vem causando a mãe natureza.

“O clamor da Terra” (2007), aquecimento global, lançamento de gases na atmosfera, poluição dos mares pelo vazamento de óleo, esgotos, fumaça nos ares, derretimento das geleiras, são estes entre outros os temas debatidos no cordel de Marlus de Herval (2007), que pela sua veia poética nos trás um verdadeiro clamor, haja vista, as grandes quantidades de poluentes que são lançados diariamente em toda natureza, para o autor questões como atraso de inverno, inundações severas, temperaturas altíssimas, consequência da irracionalidade humana que atenta contra a vida do planeta, e não imaginamos que é a nossa própria vida que está em risco de extinção.

As grandes catástrofes mundiais tem um início na incapacidade do homem em preservar sua casa (a Terra), ainda em suas lamentações, chama a atenção para que mundo estamos deixando para nossos filhos. Se não poupa a água, se explora os

recursos naturais de forma desenfreada, torna-se nocivo ao planeta, faz o poeta uma profecia. Talvez quem sabe, seja necessários alguns anos para que o ar se torne puro, que as árvores cresçam e o mar seja menos impuro, mas, para que isso aconteça seria preciso ocorrer à extinção do ser humano. E busca nos artistas, nos homens de ciências, nos pensadores e nos sábios geniais, a união para que o homem não tenha mais o direito de extinguir o planeta como vem fazendo. E para encerrar sua métrica poética diz: “Vamos deixar este mundo/para ele melhorar. Então unamos as mãos/vamos o mundo deixar/ Para que a Terra possa/novamente respirar.”

“Águas primordiais” (DA SILVA, 2008) é segundo o autor, uma viagem de 4,5 bilhões de anos aos primórdios das civilizações, ou seja, aos inicio da formação da Terra. É uma passagem pelas eras geológicas do nosso planeta. Como afirma o próprio autor, retrocedendo no tempo para contar-nos a formação da Terra e seus elementos naturais, nesse caso a água que é o elemento inicial para a composição do espaço geográfico onde estamos inseridos, planeta Terra.

Faz Gonçalo Ferreira da Silva (2008) uma descrição geológica de quando foi que a água começou a fazer parte de nossa vida como elemento indispensável à sobrevivência humana.

A partir de então discorre poeticamente sobre o tema água e sua importância, desde um simples copo com água até as mais variadas formas de utilização do precioso liquido. Fala das propriedades da água tão bem já conhecidas por todos nós, desde a sua composição química até os nutrientes que ela carrega em sua composição físico-química.

Depois de colocar suas ideias iniciais sobre a água, o menestrel popular, faz longas considerações acerca das águas que descem com as chuvas, e as chama de “águas primordiais”, pois são elas que mantêm o planeta vivo e que por esse motivo devemos começar a nos preocuparmos com a sua preservação, principalmente a água que ingerimos, segundo o autor, é preciso preservá-la para tanto devemos empenharmos na educação das pessoas com relação aos excessos no consumo d'água que deve ser disciplinado, e nos faz um pedido para observarmos o ciclo que a água faz para suprir as nossas necessidades, relata: “Das camadas ionosféricas/às profundezas dos mares/A Terra é plena de vidas/nos mais diversos lugares/ Graças a esses primeiros/corpúsculos moleculares.”

Nessa obra de cordel, o poeta percorre um infinito caminho feito pelo precioso liquido, desde a sua utilização na vida das plantas, quando diz que sem a água as plantas murcham e com a água se restabelece em silêncio e as plantas agradecem dando-nos

belas flores que enfeitam nossos jardins. Faz ainda uma grande advertência acerca dos cuidados que devemos ter com o que a água produz e que também pode comprometer a vida do homem.

A proliferação de bactérias, mosquitos como o (*Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*), o chamado mosquito da dengue. No folheto de oito páginas, o cordelista sintetiza todas as fases que a água passa como ela faz parte do corpo humano e sua função nele, a água como componente das precipitações atmosféricas em diversas partes do globo, sua participação nas geleiras dos polos e finalizando seus versos recita:

A terra é um grande teatro/onde não há um vivente/ Que não esteja ligado/ao outro, umbilicalmente/ E nesse palco da vida/a água é sua regente...
...nós precisamos da água/em toda situação/ E por impormos a ela/tão desumana agressão/ Precisamos, sobretudo/do seu bendito perdão.

Ainda retorna a apelar para que nós fiquemos rigorosamente atentos a água, pois sem ela e Terra não pode sobreviver.

Não podemos discorrer sobre meio ambiente, preservação ambiental, ecologia, ou qualquer outro tema desse naipe sem falarmos de “A história do começo do mundo” (PAIXÃO, 2007), essa obra começa nos levando a uma introspecção, uma viagem ao nosso interior e indagarmos. Como surgiu a natureza? De que forma se criou, como pode se desenvolver tamanha grandeza? E, para o poeta, o homem vem se perguntando sobre os mistérios estupendos dessa criação.

E para elucidar essas duvidas, faz uma comparação entre o que é real e o que é mito, coisas que sempre deixar grande confusão nas cabeças das pessoas.

Buscando uma explicação baseada na ciência, o menestrel nos remete a “Grande Explosão” o Big bang, que é a origem de tudo. Transporta-nos há quinze bilhões de anos quando ocorreu a explosão que deu origem a tudo que conhecemos como universo, ou seja, nossa galáxia, a Via-Láctea. E nos diz que, de um ponto diminuto que foi crescendo e se esfriando, diversos elementos foram surgindo, desde as partículas que se aglutinaram surgiram os planetas e entre eles a Terra.

A princípio, a Terra era segundo as observações do autor, um deserto tão imenso e incandescente, feito de lavas em fusão e gás de vapores tóxicos de grande intensidade. Mas, ocorreu um fenômeno climático que rompeu toda a monotonia e assim ocorreu a

primeira precipitação atmosférica da história da Terra, que veio a mudar todo o panorama ali existente, com a formação dos oceanos e da primeira forma de vida.

E depois de todo o trabalho realizado, o último ser a ser criado foi exatamente o homem, com todos os recursos já disponíveis para a sua sobrevivência, já tínhamos água, solo, ar, vegetação, animais terrestres e aéreos coube ao homem cuidar de sua casa, preservá-la para que nela existissem outros seres que também assim como o homem dela Terra, tiraria o seu alimento, e por ela haveria de fazer tudo para sua manutenção.

Discussão dos resultados

Após a realização dessas compilações, onde podemos analisar a que ponto chegou o homem com sua ganância, com sua arrogância, achando-se o todo-poderoso, encontramos em nossa observação e nas pesquisas bibliográficas uma realidade nua e crua, ou o homem preocupa-se verdadeiramente com o meio ambiente ou o nosso destino enquanto seres humanos estará ameaçado.

Nas leituras que fizemos em diversos autores, ficou constatado que a literatura de cordel é um dos grandes aliados no combate a degradação ambiental, as ameaças de poluição dos rios, da contaminação do ar através de agentes bactericidas que espalham doenças as mais graves possíveis. Na poesia dos menestres, há uma discussão enorme acerca da problemática ambiental, e em uma só voz, todos os cordelistas gritam através de seus versos a necessidade de se cuidar do nosso planeta, enquanto há tempo.

Aquecimento global, derramamento de óleo nos mares e oceanos, contaminação do ar pelos agentes químicos oriundos das usinas nucleares, tudo isso faz parte das rimas e da preocupação dos cordelistas em seus livretos. E baseados nesses trabalhos desenvolvemos nosso estudo, sempre buscando um elo que fizesse da literatura de cordel uma defensora árdua dos interesses ambientais, e como sempre tem sido, através de seus poemas e da imaginação fértil de seus autores, que de forma muitas vezes jocosa, consegui chamar a atenção das pessoas, alertar para uma realidade que está visível.

Portanto, a questão ambiental que vem despertando a mente das pessoas sejam artistas, intelectuais, políticos, empresários, professores ou estudantes, contagiou também a poesia popular. É mais que cabível a preocupação dos menestres da literatura popular em conclamar aos povos para uma questão conciençial que defende a vida do

solo, da água, da vegetação, dos animais aquáticos, terrestres e aéreos, que é a própria vida do homem.

Considerações finais

A força do cordel é presente nas homenagens que os cordelistas recebem pelos relevantes serviços prestados não apenas a cultura, mas, sobretudo, a sociedade como um todo, com seus trabalhos que recebem o reconhecimento não apenas local, mais também todo o Brasil.

Existe por parte dos cordelistas uma preocupação em retratar as questões ambientais do semiárido brasileiro, em diversos momentos aparece de forma bem clara nas suas rimas. Luiz Benício Júnior (2010) faz referências a flora do semiárido e as suas espécies quando em bela poesia faz uma definição acerca da beleza das plantas aqui existentes e vai mais além, na mesma poesia ainda nos faz vislumbrar através de sua pena as paisagens naturais que nos proporcionam encher os olhos com suas definições.

Ver a flora nordestina: O mufumbo e aroeira/unha-de-gato e jurema/
Angicos e quixabeira/ Oiticica e jatobá/mandacará e jucá/
Xique-xique e catingueira.

Nesse trecho podemos conhecer as principais espécies que florem nosso sertão com suas cores nem sempre verdes, mais que com suas flores deixam nosso torrão bem mais belo. O poeta segue seu trabalho descrevendo ainda a fauna que vive em nosso território e nele vemos como o semiárido tem muito a oferecer na preservação da vegetação e dos animais que povoam nossa região. No verso seguinte ele nos diz: “Falando de nossa fauna,/tem periquito e canção/ Sabiá e juriti,/rolinha de arribação/ Seriema, jaçanã/o caboré, o acauã/ Carcará e o gavião.”

Podemos assim observar como o poeta discorre seus versos acerca das belezas do sertão e como elas são importante para o equilíbrio do nosso ecossistema, ou mesmo do nosso bioma caatinga. Como sempre, os cordelistas fazem uma exibição das nossas belezas e assim sendo, nos levam a buscar cada vez mais a preservar nossas matas, nossos animais e de certa forma também preservar a vida humana que habita o sertão nordestino. Relata ainda os nossos tipos humanos, nosso folclore, as tradições e costumes como no verso a seguir:

É ouvir a poesia no aboio do vaqueiro./é tirar bicho-de-pé,
Com espinho de cardeiro/ Acordar com sol nascente/ Para
escovar os dentes com raspa de juazeiros.
Amassar feijão com a mão,/ Fazer raposa ou macaco/ Espirrar
ao cheirar fumo/ E torrar café no caco/ Galinha cacarejando/ e
ouvir o bode berrando/ E o guiné gritar: tou fraco.

São relatos como esses que nos faz encontrar relevância nesse estilo de literatura brasileira, tipicamente nordestina, que vem conquistando as pessoas com seus temas diversos, e, na temática ambientalista, vem fazendo seu papel de divulgadora e incentivadora da preservação do meio ambiente, e nesse contexto, a preservação do meio natural do semiárido nordestino, com suas formas de levar as coisas do sertão ao povo através das rimas e dos versos.

O cordel vem preocupada em chamar a atenção para a preservação do meio ambiente nos versos brilhantes de muitos poetas que vivem com toda a intensidade as coisas que ocorrem ao seu redor, e não deixou lado as grandes questões relativas ao mundo e seus elementos naturais, o ar, a vegetação, o solo, a água, sejam os mananciais ou subterrâneos. Todos estes temas foram e são tratados pelo cordel como de maior importância para a sobrevivência não apenas do homem, mais, acima de tudo a própria sobrevivência do planeta.

Os cordelistas já deram sua parcela de contribuição, preocupados que estão com as questões ambientais, agora cabe aos professores e as escolas inserirem o cordel como instrumento de educação ambiental, tanto nas séries iniciais como no ensino fundamental e médio, tantos nas disciplinas correlatas, língua e literatura como nos temas transversais, ética e sociedade, na área das ciências naturais e meio ambiente. Assim é o que prevê os Parâmetros Curriculares nacionais.

Referencias

- ALMEIDA, Mário de. **O Mandacaru**. Revista Mundo Jovem, Barreiro Grande (BA), 2010.
- BORGES, Francisca Neuma Fachine. **Estruturação e isossemias da História de João de Calais**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 1979.
- BARJA, Paulo Roxo. **O Cordel como mídia alternativa em programas de saúde e educação ambiental**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, 2010.
- BRAGA, Medeiros. **O da ecologia**. Mossoró: Ed. Queima Bucha, 2008.
- CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel: A Inserção do discurso ecológico**. (Dissertação de Mestrado). 2002.

FRANCISCO, Antonio. **Folhetos de cordel. Os animais tem razão.** Mossoró: Ed. Queima Bucha, 2008.

_____. **Folhetos de cordel. Um bairro chamado Lagoa do Mato.** Mossoró: Ed. Queima Bucha, 2000.

GASPAR, Lúcia. **Literatura de Cordel.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2007.

GARCIA, Victor Alvim Itaim. **Era uma vez um planeta.** Rio de Janeiro: ECEMB, 2007.

GONZAGA, Luiz. **CD 50 anos de chão.** Manaus: BMG/RCA, 1980 (3 CD, v. 2).

HERVAL, Marlus. **O clamor da terra.** Rio de Janeiro: ABLC, 2007.

JÚNIOR, Luiz Benício. **Meu Nordeste é assim.** Mossoró: Ed. Queima Bucha. 2010.

MACHADO, Maria Rita. O processo histórico do desmatamento do Nordeste Brasileiro: impactos ambientais e atividades econômicas. **Revista da Geografia**, Recife, Vol. 27 n.1, 2007.

MARIA, M. S. Cordel: **A morte de Chico Mendes deixou triste a natureza.** Rio de Janeiro: ABLC, 1988.

NETO, Luiz Cândido. **A carnaúba já foi orgulho da Região.** Ed. Queima Bucha. Mossoró/RN. 2008.

PAIXÃO, Fernando. **A história do começo do mundo – a teoria do Big bang.** Fortaleza: IMEPH. 2007.

PATATIVA DO ASSARÉ. **A triste Partida.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1978.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Águas primordiais.** Rio de Janeiro: ABLC, 2008.

SILVA, Erineide da Costa, **Técnicas de educação ambiental.** João Pessoa: IFRN/UAB, 2009.

SILVA, José Augusto Araujo. **Uma carta ecológica.** Mossoró: Cordel, 2009.

ZEZÉ, Toinho di. **Socorro para o rio Mossoró.** Mossoró: Ed. Medeiros, 2009.

Internet

<http://educar.sc.usp.br/biologia/cp/Piracicaba/educacao.htm>. Acesso em 26 jan 2011.

<http://www.pucrs.br/mj/poema-cordel-120.php>. Acesso em 22 jan 2011

<http://www.pucrs.br/mj/poema-cordel-109.php>. Acesso em 22 jan 2011

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mandacaru> Acesso em 02 jan 2011.

<http://www.queimabucha.com/index.php?pagina=noticias&idn=328>

<http://www.seagri.ce.gov.br/carnauba.htm>. Acesso em 20 fev.2011.